

“AFF... ESCREVER, PARA QUÊ?”

 **ANDRÉ MONTEIRO MORAES**

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.258>



Você aqui já parou para pensar quantas vezes, na história da sua vida, foi reproduzido esse discurso que nomeei como título? Talvez por ter visto a escrita, em determinado tempo de minha vida, como algo enfadonho reproduzir como título. Caso tenha feito essa mesma indagação, na vida, saiba que é normal também, afinal, escrever cansa. Entretanto, é importante fazer juízo de valor sobre o papel da escrita na nossa vida.

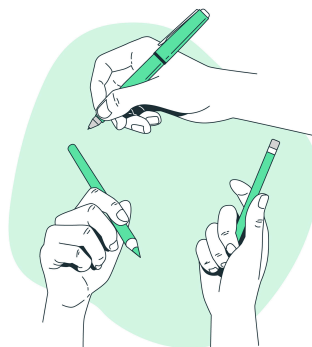
Lembro-me muito bem, como se fosse hoje, quando minha avó, Nair, fazia questão de que eu deixasse uma tarefa de casa aos sábados ou domingos para quando ela fosse nos visitar me ensinar. Ora, “logo no final de semana estudar?”, podendo estar assistindo desenho ou brincando na rua, era quase que ritualística essa façanha.

Pois bem, me apegando às memórias da infância lembro-me quando ela segurava minha mão, com as suas já envelhecidas e enrugadas, e me fazia

desenhar a letra “B” representando a inicial de um desenho enorme de uma borboleta. Talvez fosse aquela imagem para posteriormente colorir que me despertasse coragem de, em pleno sábado, escrever perfeitamente as curvas, em cursivo, da letra em questão.

Nas próximas etapas da vida escolar o “B” não era mais um desafio, como novas experiências geram novos desafios, era preciso saber o que fazer com a escrita. Como usá-la, para que usá-la, em que situações a empregar “corretamente”. Aqui, sim, eu comecei a ver a escrita como algo enfadonho. Óbvio, eu agora precisava saber como a escrita

poderia ser representada em palavras, caracteres e sinais gráficos. Era preciso saber como o ato de escrever era empregado, em



seus tempos verbais, qual a sua etimologia e qual a sua intensionalidade.

Se um dia, escrever por meio das regras foi enfadonho, peço desculpas a muitos que me ensinaram por meio do Bechara e tantos outros, eu não sabia o porquê, eu só ia conforme o barco levava. O tempo vai nos ensinando a magia do que está por trás dessa “força motriz” na relação entre a mão, um equipamento de registro e a intensão.

É justamente nesse processo dialógico, que me apego a Bahktin, compreendendo - o como um mecanismo de interação textual no qual o texto revela a existência de outras obras que lhe causam inspiração ou influxo, que encaro essa passagem de escrita. E com as lembranças de sua importância, na visão de Ruth Rocha e Otávio Roth em *O homem e a comunicação: o livro da escrita*, quando é didaticamente explicado, que sem a escrita não seria possível ao homem ter História.

Ainda mais, é oportuno dizer que toda uma sociedade civilizada precisa de escrita seja para o desenvolvimento de atividades simples – como leitura de placa – a atividades mais complexas – como desenvolvimento de teorias, para uso da arte, da filosofia, da religião, da ciência.

Hoje a minha escrita é uma forma de declaração de um sentimento histórico que ao chegar em você, neste momen-

to, é porque tem uma função específica; a de comunicação. Como a Ruth, também acredito que, é próprio do homem comunicar-se e estender a notícia de sua existência aos pontos mais longínquos do universo. Por isto, eu pergunto a você: sobre o que tem sido a escrita em sua vida, ela tem servido para quê?

NATURAL DE SÃO PAULO - SP E CRIADO EM PERNAMBUCO, ANDRÉ MORAES TEM NA ESCRITA O SEU EU. ELE SE DESDOBRA EM LINHAS QUILOMÉTRICAS ENTRE O SEU DOUTORADO EM EDUCAÇÃO NA UFRN, SUA GRADUAÇÃO E MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL NA UEPB E, AGORA, SUAS IDEIAS PEDAGÓGICAS NA UPE. DE VOLTA ÀS SUAS RAÍZES NO SERTÃO DE PERNAMBUCO, ANDRÉ TEM SE TORNADO UM NÔMADE NOS CAMINHOS DA ESCRITA.

ANDRE.MONTEIRO063@GMAIL.COM

